



Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente | II Simpósio Educação, Formação e Trabalho

PROCESSOS DESUMANIZADORES: UM ESTUDO DAS NARRATIVAS MIDIÁTICAS SOBRE MORTES JUVENIS

Mauro Pena de Faria Junior¹

Cirlene Cristina de Sousa²

Resumo

Neste artigo, analisa-se as narrativas sobre os assassinatos do jovem Marcos Vinícius da Silva, morto enquanto ia para a escola no complexo de favelas da Maré; e do jovem Eduardo de Jesus Ferreira, morto na porta de sua casa no complexo do Alemão, ambas histórias divulgadas amplamente nos meios de comunicação. O objetivo principal deste trabalho consiste em analisar se tais narrativas são de base humanizadora ou desumanizadora. Para tanto, utilizou-se materiais divulgados na mídia impressa, na televisão e nas redes sociais que versaram sobre tais mortes, que foram submetidos à análise de conteúdo e análise de discurso. Ainda é preciso destacar que tal artigo faz parte da pesquisa de mestrado, intitulada *Processos escolares desumanizadores: um estudo a partir das vivências dos sujeitos escolares* que analisa as vivências que são contadas, a partir da narrativa de professores/as, direção escolar, alunos/as, sobre os jovens estudantes que tiveram suas vidas interrompidas durante o seu processo escolar. Busca-se compreender se essas vivências possuem consciências de base biófila (na medida que possibilitam a vida, a criatividade) ou necrófila (apegada às coisas sem vida, à coisificação dos sujeitos) a partir de autores Erich Fromm e Paulo Freire. Estes conceitos de biófilia e necrofilia serão centrais para a análise das histórias juvenis aqui narradas.

Palavras-chave: Vidas juvenis, midiaticização, biofilia e necrófila

¹ Mestrando em Educação e Formação Humana pelo PPGE/UEMG, licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Viçosa. Atua como professor de sociologia na rede estadual de Minas Gerais. mauroopenacis@gmail.com.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana da Universidade do Estado de Minas Gerais, doutora em Educação pelo PPGE/UFMG e professora de história na rede estadual de Minas Gerais. cirlenesousa@yahoo.com.br.

Introdução

“um caso não pode representar o mundo, embora possa representar um mundo no qual muitos casos semelhantes acabam por se refletir” (Pais, 2005, p. 89).

São estas semelhanças na interrupção da vida de dois jovens, mortos pela polícia do Rio de Janeiro que justificou a preocupação central deste trabalho, a saber: as narrativas midiáticas sobre tais mortes são de base necrófila ou biófila. Notaremos, ao longo do presente artigo que os diversos discursos sobre tais casos se traduziram mais na necrofilia do que na biofilia. O primeiro caso é do estudante Marcos Vinícius da Silva, 14 anos, que no dia 20 de junho de 2018, foi alvejado por um tiro enquanto se deslocava no complexo de favelas da Maré, no Rio de Janeiro, à caminho da escola. Marcos foi atingido nas costas quando tentava regressar no caminho ao se deparar com um veículo das forças policiais, o “caveirão”. Testemunhas afirmaram que o tiro que acertou o jovem estudante a caminho da escola partiu das forças policiais, aparentemente sem nenhum motivo e a uma grande distância do “alvo”. O caso teve repercussão nacional e o nome de Marcos Vinícius percorreu os quatro cantos do Brasil: diversos atos foram marcados em homenagem à memória de Marcos; além de protestos com pedidos de justiça e de investigações isentas aconteceram na cidade do Rio de Janeiro.

O segundo caso faz uma volta no tempo para o ano de 2015, no dia dois de abril, quando Eduardo de Jesus Ferreira, 10 anos, morador do complexo de favelas do Alemão, na cidade do Rio de Janeiro, foi atingido por uma bala de “alta energia cinética”, de acordo com o laudo da perícia, muito provavelmente disparada por um fuzil, enquanto o mesmo mexia em um celular na porta de sua casa. O inquérito investigativo concluiu que a bala que atingiu a criança foi disparada por um policial militar. Apesar disso, a Delegacia de Homicídios da Polícia Civil optou por não indiciar o policial, uma vez que ele teria agido em legítima defesa. O assassinato de Eduardo, bem como o de Marcos Vinícius, também repercutiu nacionalmente, sendo um caso bastante midiático.

Para tanto, faremos uma breve discussão teórica acerca da historicidade das noções do humano

frente o não-humano, sobretudo a partir das contribuições de Aníbal Quijano (2005) e Paulo Freire (2016). A partir da perspectiva freireana, abordaremos o conceito de desumanização e o porquê da necessidade desse conceito assumir centralidade em nossos estudos, em particular nos estudos voltados aos processos escolares – embora aqui isso não se configure enquanto objetivo principal. Para nossa análise do material selecionado, abordaremos os conceitos de consciências biófilas (na medida em que possibilita o sujeito a ser mais, à criatividade, enfim, possibilitam a própria vida) e necrófilas (na medida em que coisifica o sujeito, não permitindo-o se reconhecer enquanto sujeito de direito, *no* e *com* o mundo).

Neste artigo, pensa-se como tais mortes foram narradas nos meios de comunicação. Para tanto, questiona-se: como as mortes destes jovens foram narradas midiaticamente? quais instituições sociais se envolvem nestas narrativas? Quais descrições e/ou categorias desumanizadoras foram sendo construídas sobre a vida desses dois jovens? É possível observar dissonâncias biófilas entre tantos discursos desumanizadores?

O trabalho está dividido em três eixos, a saber: no primeiro, discute-se a importância de se pensar os processos de desumanização presentes nos processos das narrativas midiáticas sobre parte da juventude brasileira; no segundo, trata-se do conceito de biofilia e necrofilia; no terceiro eixo, analise os casos investigados; e, por fim, faz-se as considerações finais.

1. Por que é importante voltarmos nosso olhar para os processos desumanizadores?

É importante respondermos com clareza o que estamos chamando de processos desumanizadores ou de desumanização. Nesse sentido, como destaca Rego (2014), compreendemos este conceito como conjunto de práticas, discursos e ações de determinados grupos sobre outros, isto é, dos dominadores em relação aos dominados, dos opressores frente aos oprimidos, sempre na tentativa de desconsiderar, descaracterizar o “outro como ‘humano’, considerando como ‘detentor’ de outro tipo de humanidade que não aquela imposta pelo modelo vigente, com o intuito de subjugá-lo e/ou eliminá-lo” (p. 45). Em outras palavras, podemos dizer que a desumanização:

consiste em desqualificar, por meio da linguagem, esse olhar do outro, tornando todo diferente inexistente como humano, como uma vida matável, sacrificável, que não tem nenhuma humanidade. Impossibilitando, assim, qualquer capacidade de identificação. (Fédida *apud* TESHAINER, 2013, p. 152).

Nesse sentido, o processo de desumanização por si só configura ao sujeito ou grupo social vítima de tais processos um deslocamento da categoria de “humano” ao “não-humano” ou menos humano do que os ditos humanos. Como anota Rego (2014, p.86)

O que se pretende afirmar aqui é que, à revelia dos discursos que permeiam as relações de opressão, um tratamento violento de um ser humano sobre outro, que vise à aniquilação desse mesmo ser (seja por meio da morte ou da total subjugação) configura, sob o aspecto prático, um ato de desumanização: primeiro porque a vítima é colocada dentro de um âmbito de tratamento bastante específico, um “outro tipo de humanidade”, que a afasta do modo como outros seres humanos são normalmente tratados; segundo, porque os modos como tais assassinatos são efetivados, bem como os rituais que os envolvem, “afirmam”, por si, a pretensa capacidade do algoz de “despojar” o ser humano de sua humanidade, assim como a suposta capacidade da vítima de perdê-la.

Importante ressaltar que os processos de desumanização dos sujeitos acompanham desde sempre os projetos de humanização. Boaventura Sousa Santo diz que a “tensão entre humano-não humano convive com a ideia de uma deficiência originária de humanidade, a ideia de que nem todos os seres com o fenótipo humano são plenamente humanos” (SANTOS, 2013, *apud* ARROYO, 2018, p. 76). Anibal Quijano (2009, *apud* *ibid.*) também anota que povos originários da América, quando da chegada dos conquistadores nas Américas, foram relegados ao plano de sub-humanos, não tendo sido minimamente reconhecidos enquanto sujeitos dotados de seus valores, suas crenças, seus conhecimentos e saberes – um estado de natureza, pré-histórico.

Para Quijano (2005), “a ideia de raça, em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes da América” (p. 117). Embora seja fundada nas diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados, o que importa, afirma Quijano, é que foi construída com base na suposta diferenciação biológica entre esses grupos. Sendo assim, “na medida em que as relações sociais que se estavam configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais” (p. 117). Quijano prossegue dizendo:

Na América, a idéia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. [...] Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas idéias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais (p. 118)

Para Paulo Freire (2016), reconhecer os processos de desumanização não é o suficiente, é preciso ir além e compreendê-lo também como uma “realidade histórica”: "O problema de sua humanização, apesar de sempre dever haver sido o problema central, assume, hoje, caráter de preocupação iniludível. Constatar esta preocupação implica, indiscutivelmente, reconhecer a desumanização, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica" (p. 39-40).

Aqui temos um problema central: a realidade histórica desses discursos de desumanização nos processos de midiaticização da sociedade contemporânea. Para estudiosos como Sodré (2006), Kellner (2001) e Braga (2007), a mídia é hoje a parte central da tessitura das experiências humanas. Assim, a midiaticização seria o principal processo organizador das diversas mudanças ocorridas nas formas de comunicação humana. Esta midiaticização seria responsável pela configuração de uma ampla ambiência de relacionamento social e pela institucionalização dos modos de ser, de conhecer, de viver, de se politizar e de se comunicar dos seres humanos. É nos campos midiáticos que novas formas de interação entre homens e mulheres, entre gerações, entre estudantes e professores, entre pacientes e médicos, entre pais e filhos, entre instituições, entre culturas juvenis e culturas escolares, entre jovens e sociedade são tensionados. Alguns autores chegam a falar de um *bios virtual* [...] “mais do que uma tecnologia, está surgindo um novo modo de ser no mundo, representado pela midiaticização da sociedade”. (GOMES, 2008, p. 19-20). Como já destacado pelo estudioso americano Douglas Kellner (2001), os dispositivos midiáticos são fontes profundas e não percebidas de uma “Pedagogia Cultural”.

Vamos observar que grande parte das narrativas midiáticas sobre os casos dos jovens Marcos e Eduardo são de base necrófila. Para tal observância, procuramos compreender os mecanismos de comunicação e o lugar que tais dispositivos ocupam nesses processos necrófilos. No próximo eixo, discutimos um pouco mais sobre tais processos. Nesse sentido, investigar como as vidas de dois jovens cariocas, moradores de favela, mortos pela polícia são tensionados pelos dispositivos midiáticos pode ser bastante revelador dessa relação entre sociedade midiática e suas dimensões discursivas biófilas e necrófilas, conceitos que serão discutidos à frente.

2. Processos desumanizadores

Como já destacado por Miguel Arroyo (2018), a desumanização é uma realidade histórica iniludível. Apesar dessa historicidade, Arroyo aponta a pouca produção teórica acerca dos processos de desumanização, já que “desde a Paidéia poucas teorias sobre os processos de desumanização foram acumuladas. Nem nos humanismos pedagógicos renascentistas, nem ilustrados, nem republicanos teve centralidade de entender esses processos históricos de desumanização de que Paulo Freire nos chama a atenção” (FREIRE, 2018, p. 10).

Estudando estes processos de desumanização na relação com a educação, Arroyo aponta para a questão da centralidade dos estudos dos processos de humanização que reside no pensamento pedagógico hegemônico, e que é bastante criticado nas produções de Paulo Freire. Assim, destaca Arroyo (2018, p.10):

Paulo Freire faz uma crítica radical ao pensamento pedagógico hegemônico: considerar como sua função histórica apenas entender e acompanhar os processos de humanização, ignorando os históricos processos de desumanização. Dessa crítica chega uma pergunta desafiante para o pensamento pedagógico hegemônico: assume, não assume a desumanização como uma produção histórica? Por que não tem assumido com centralidade entender os processos históricos de desumanização a que foram e continuam submetidos os grupos sociais, étnicos, raciais, de gênero, os oprimidos porque decretados onticamente inferiores em humanidade?

Nesse sentido, pensar os processos desumanizadores contemporâneos e suas reverberações nas vidas dos jovens Marcos e Eduardo é importante para se compreender o contexto político e

social do Brasil contemporâneo. É o que nos ensina Arroyo ao resgatar o pensamento de Paulo Freire para se pensar a desumanização. Tal autor anota que o pensamento de Paulo Freire é atual porque a

opressão é atual. As violências de Estado são atuais e requintadas contra os mesmos: os trabalhadores e seus direitos, os jovens pobres, negros, periféricos e seus extermínios; os movimentos sociais por direito à terra, teto, trabalho, renda, saúde, educação, por identidades de coletivos reprimidos, exterminados. Tempos de anulação política das formas de resistência de classe dos oprimidos. Tempos de jogar milhões ao desemprego, a sem direitos do trabalho, e sem um futuro previdenciário, tempos de concentração da renda e da terra em mãos de poucos e de aumento da miséria, da pobreza, de sem-renda, semterra, sem-teto, sem-trabalho. Tempos de aumento dos oprimidos, de radicalização das formas de opressão tornam de extrema atualidade Paulo Freire e a Pedagogia do Oprimido. (FREIRE, 2016, p. 2)

Segundo dados do Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, o ano de 2018 foi o que mais teve ocorrências de mortes por intervenção de agente do Estado, desde que a série histórica foi iniciada no ano de 1998, representando aumento de 36% em relação às ocorrências registradas no ano de 2017 – 1.534 contra 1.127 casos. Já no primeiro trimestre de 2019 houve um aumento de 18% das mortes por agentes do Estado em relação ao mesmo período do ano de 2018, configurando-se, assim, como o primeiro trimestre mais violento dos últimos 21 anos. Importante ressaltar aqui que o candidato eleito em outubro de 2018 para governar o Estado, o ex-juiz Wilson Witzel, do Partido Social Cristão (PSC), fez uma campanha eleitoral pautada na radicalização do discurso “bandido bom é bandido morto”, defendendo ações³ no mínimo questionáveis, como a adoção de snipers (atiradores de elite) para abater todo e qualquer potencial criminoso que esteja pelas ruas da cidade portando fuzis. “A polícia vai mirar na cabecinha e... fogo”, afirmou o então governador eleito, dias após o pleito em que saiu vitorioso. No dia 17 de setembro de 2018, o garçom Rodrigo Alexandre da Silva Serrano⁴, 26 anos, tinha sido assassinado com três tiros, enquanto esperava sua esposa e filhos, ao ter seu guarda-chuva confundido com um fuzil, na favela Chapéu Mangueira, zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Como nos disse Arroyo, a opressão é atual e crescente.

³ Ver em: <https://veja.abril.com.br/politica/wilson-witzel-a-policia-vai-mirar-na-cabecinha-e-fogo/>. Acessado em: 26/05/19.

⁴ Ver em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458_048104.html. Acessado em: 26/05/19.

Assim, analisar narrativas sobre as vidas juvenis que foram interrompidas, é entender que essas narrativas também constituem um campo de disputa e que não há apenas uma leitura, elas são múltiplas. Para compreender os casos aqui analisados, recorreu-se aos conceitos de *consciência necrófila* e *consciência biófila*, do autor alemão (Erich Fromm 1981, *apud* GOYA (1999)). Freire lança mão desses conceitos para revelar mais uma faceta da violência que os oprimidos estão submetidos, que diz respeito ao desejo e sentimento de posse que os opressores têm em relação ao poder. Erich Fromm (1981) nos diz que a pessoa de consciência necrófila

é impelida pelo desejo de transformar o orgânico em inorgânico, de aproximar-se da vida mecanicamente, como se todas as pessoas vivas fossem coisas. Todos os processos, sentimentos e pensamentos vivos são transformados em coisas. Memória em vez de experiência; ter, em vez de ser, é o que interessa. O necrófilo pode relacionar-se com um objeto - uma flor ou uma pessoa - somente se possuir esta; por isso uma ameaça às suas posses é uma ameaça a ele mesmo; se perder a posse, perderá contato com o mundo. É por isso que deparamos com a reação paradoxal dos que preferem perder a vida do que as posses (FROMM, p. 43-44, *apud* GOYA, 1999, p. 12)

Goya (1999, p. 11) afirma que “em linguagem ética frommiana o caráter necrófilo é o mal”. Ele prossegue dizendo que

assim, o ser necrófilo verdadeiramente não exerce por si próprio a arte de viver, mas antes age passivamente através da repetição automática do comportamento social, marcada pelo tédio e pela ausência de alegria e vitalidade. Os clichês de comportamento canalizam-lhe condicionamentos e reduzem-lhe a vontade livre, diminuindo suas forças interiores e sua independência pessoal (1999, p. 12)

É importante pontuar que as pessoas de orientação necrófila não apresentam amor à morte, mas sim amor às coisas sem vidas, a tudo que não é vivo. Em seu oposto, as orientações e consciências biófilas representam o amor à vida, à capacidade de fazer florescer vida, criatividade e potencialidades. Fromm (1981) também ressalta que são raras as orientações biófilas ou necrófilas puras, que a maioria das pessoas possui ambas as orientações, ao mesmo tempo que salienta que o predomínio de uma sobre a outra lentamente passa a extinguir o lado menos forte. “o necrófilo puro é insano; o biófilo puro é um santo” (Fromm, 1981, p. 51, *apud* GOYA, p. 15).

Como destaca Lira (2015), Paulo Freire faz uso do conceito de consciência necrófila para indicar práticas educacionais que mortifica, molda as pessoas e as impeçam que consigam enxergar saída para as opressões as quais essas pessoas são submetidas.

A opressão, que é um controle esmagador, é necrófila. Nutre-se de amor à morte e não amor à vida. A concepção “bancária “ a que ela serve, também o é. No momento mesmo em que se funda em um conceito mecânico, estático, especializado da consciência e em que transforma, por isto mesmo, os educandos em recipientes, em quase coisas, não pode esconder sua marca necrófila. Não se deixa mover pelo ânimo de libertar seu pensamento pela ação dos homens uns com os outros na tarefa comum de refazerem o mundo e de torná-lo mais e mais humano. (FREIRE, 2016, p. 90-91).

Esta consciência necrófila esteve presente durante muito tempo nos estudos das juventudes brasileiras. Na conceituação de juventude, por exemplo, esteve associada a ideia de transição, do jovem como um vir a ser. Junta-se a esta dimensão da transitoriedade, a ideia da juventude como um problema social, aquele que amplia as crises da sociedade brasileira. Tais concepções produziram olhares bastante negativos sobre os jovens brasileiros. Mais especificamente, os jovens pobres, jovens negros foram notados como desviantes, traficantes, marginais, vagabundos, como participantes de gangues, entre outras classificações. Esta negatividade foi notada nos casos juvenis que analisamos nas páginas que se seguem.

3. Marcos e Eduardo, vidas juvenis desumanizadas?

Para análise aqui proposta, utilizamos reportagens e notícias de diversos veículos de comunicação, sobretudo de mídias digitais, e também nas redes sociais. Realizamos pesquisas em sites de busca, com a utilização de palavras-chave, buscando identificar os discursos que foram feitos sobre ambos assassinatos. Além dos discursos, nos interessa também a observância do lugar ocupado pelas pessoas que emitiram declarações, como, por exemplo, se autoridade pública, representante de alguma instituição do Estado, ou se um cidadão “comum”, que compartilha e comenta em suas redes sociais as informações que o cercam.

As vidas e mortes de Marcos Vinícius e Eduardo de Jesus possuem, como imaginado, similaridades. Ambos jovens eram moradores de grandes complexos de favelas da cidade do Rio de Janeiro, sendo estes o complexo de favelas da Maré e do Alemão, respectivamente. Ambos jovens eram oriundos de classes sociais economicamente menos favorecidas, além de terem suas vidas interrompidas durante suas trajetórias escolares. Também nos dois casos, de acordo com perícias realizadas pelas autoridades competentes, os tiros que interromperam suas jovens vidas partiram das forças policiais. Mas a maior similaridade que os une, sendo que esta se configura como razão para essas duas vidas (e mortes) se encontrarem presente neste trabalho, diz respeito à repercussão que suas mortes tiveram. Nessas repercussões, e não só nelas, foi possível entender como se operam esses processos de desumanização, sempre numa tentativa de tornar aquele grave acontecimento – o assassinato de dois jovens que não ofereciam risco às forças policiais em suas respectivas operações – em acontecimentos nem tão graves assim, passível de relativizações, cruéis relativizações.

O modo de operação em ambos os casos foram similares: os nomes de Marcos Vinícius e Eduardo de Jesus circularam, sobretudo nas redes sociais, com montagens falaciosas que os associavam ao tráfico de drogas no Complexo da Maré e do Alemão, respectivamente. Em relação ao caso do jovem Marcos Vinícius, circulou nas principais redes sociais duas imagens, comprovadamente falsas, em que mostrava o suposto Marcos Vinícius empunhando uma arma; e uma outra imagem que supostamente o mostrava fumando um cigarro de maconha na companhia de um amigo. Um dos diversos textos que acompanhavam as imagens, dizia: “Olha aí o garoto, coitadinho, que foi enterrado hoje no Rio, que a Globo disse que estava indo para escola, pois havia perdido a hora”⁵.

Em relação à morte de Eduardo de Jesus, ganhou repercussão uma postagem feita no Facebook⁶ pelo líder comunitário José Junior, líder da ONG AfroReggae, com os seguintes dizeres: “esse

⁵ Texto disponível em: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2018/06/30/fotos-falsas-de-jovem-morto-na-mare-tentam-liga-lo-ao-traffic-de-drogas.htm> [acessado em: 23/05/2019]

⁶ Notícia disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/04/jose-junior-chama-menino-eduardo-jesus-de-bandido-e-depois-apaga-tudo.html> [acessado em: 23/05/2019]

menino, segundo informações, era bandido. Provavelmente se fosse bandido poderia ter matado um policial se tivesse a oportunidade. A questão é: quem está ganhando com essa guerra?”. Horas após a postagem inicial, Junior editou seu texto e adicionou, ao final: “soube agora que ele tinha 10 anos de idade. Inaceitável essa e qualquer morte. Que a indignação atinja a todas as pessoas de bem”. Momentos depois de ter feito a edição, José Junior apagou a postagem de sua página na rede social, mas o estrago já estava feito e o nome de Eduardo de Jesus percorreu por todas as regiões do Brasil com o texto falacioso a seu respeito.

Cabe aqui ressaltar que não é incomum nos depararmos com essas narrativas de desumanização nas redes sociais envolvendo vítimas que são, na maioria das vezes, moradores/as de periferia e jovens adolescentes negros/as. Num breve olhar em retrospectiva para casos recentes, podemos citar: 1) assassinada em 14 de março de 2018, a vereadora Marielle Franco teve seu nome associado a um dos mais conhecidos traficantes brasileiros⁷, o Marcinho VP, e à facção Comando Vermelho, em imagens e textos que pressupunham um romance entre os dois; 2) o pedreiro Amarildo Souza, morador da favela da Rocinha, desapareceu no dia 14 de julho 2013, após ser visto no comando da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) da Rocinha. Após meses de investigação, foi comprovado que Amarildo foi morto e torturado por policiais, mas apesar disso seu corpo nunca foi encontrado. Nas redes sociais, Amarildo também teve seu nome associado ao tráfico de drogas na Rocinha⁸.

Nesses três similares exemplos ao de Marcos Vinícius da Silva percebemos como se dá essa narrativa de desumanização nas redes sociais, o *modus operandi* das *fake news*⁹. Imagens das supostas vítimas, sempre sem a devida legibilidade dos corpos, acompanhadas de textos sensacionalistas e sem fontes ou, no mínimo, com fontes extremamente duvidosas. O que une Marcos Vinícius, Eduardo de Jesus, Marielle Franco e Amarildo Silva é o fato de os quatro serem pessoas negras, moradores/as ou advindas das periferias/favelas da cidade do Rio de

⁷ ⁸ Ver em: <https://medium.com/revista-subjetiva/ataque-à-imagem-de-marielle-franco-revela-a-lógica-das-fake-news-f9c60999f07b> [último acesso em: 23/05/2019]

⁹ Apesar de parecer recente, o termo *fake news*, ou notícia falsa, em português, é mais antigo do que aparenta. Segundo o dicionário Merriam-Webster, essa expressão é usada desde o final do século XIX. O termo é em inglês, mas se tornou popular em todo o mundo para denominar informações falsas que são publicadas, principalmente, em redes sociais.

Janeiro. Inúmeros outros exemplos poderiam ser aqui registrados.

Essas narrativas de desumanização em que algumas vítimas da violência cotidiana são submetidas sempre surge na tentativa de justificar ou, ao menos, diminuir a importância daquela morte. Trata-se de anular toda a humanidade presente naquele sujeito, coisificando-o, substituindo o valor moral pelo valor material. Pretende-se que não enxerguemos esses sujeitos como pessoas dotadas de suas particularidades, mas sim que os enxerguemos enquanto coisas a serviço do problema que realmente deve ser combatido.

Os quatro exemplos acima relatados trazem a centralidade do discurso na operação do processo de desumanização. Para além do discurso em si, Rego (2014) nos chama a atenção da tentativa de imposição, principalmente através de notícias falsas compartilhadas irresponsavelmente, da “história de discurso único”:

O discurso desumanizador pode se configurar numa história única sobre um indivíduo ou mesmo um grupo de indivíduos. Ao apresentar apenas uma versão de uma história de alguém ou de um povo, torna-se latente a manipulação dessa mesma história, que passa a conter em seu bojo apenas aquilo que interessa àquele que a enuncia. Nesse sentido, a história única se torna discurso desumanizador na medida em que essa versão, tornada absoluta, 80 apresenta o objeto do discurso como algo desprovido de humanidade, como um ser digno de ser subjugado, maltratado, assassinado (REGO, 2014, p. 79-80)

Em contraposição à “história única” que contaram de Marcos Vinícius, é destacado o esforço de sua mãe, Bruna Silva, de fazer frente aos falaciosos discursos que vitimaram, pela segunda vez, seu filho. “Não tive luto. Enterrei o Marcos e falei 'agora vamos combater esse fake news'. Uma mãe não pode ficar em casa vendo seu filho ser esculachado na internet. Só a gente sabe a dificuldade que é criar um adolescente aqui dentro sem ele virar traficante¹⁰”. Bruna foi convidada a falar em algumas audiências públicas promovidas pelas Comissões de Direitos Humanos, tanto na Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ) quanto na da Câmara dos Deputados no Congresso Nacional. O uniforme escolar que Marcos usava quando foi assassinado, manchado de sangue, se tornou sua principal bandeira em defesa da memória de

¹⁰ Ver em: <https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2019/03/ele-morreu-duas-vezes-batalha-de-uma-mae-para-tirar-da-internet-fake-news-que-acusam-filho-morto-de-ser-traficante.html> [acessado em: 27/05/2019]

seu filho.

Aqui cabe um adendo: Marcos Vinícius da Silva foi morto durante operação da polícia civil que ficou conhecida como Operação Vingança, por supostamente ser uma retaliação à morte do inspetor da corporação, Ellery de Ramos Lemos, morto durante operação policial nas proximidades do complexo da Maré, dias antes da morte de Marcos. Cerca de cinco dias antes da operação que vitimou Marcos, o delegado da polícia civil e também comentarista de segurança pública no programa “SBT Rio”, Marcos Amim, fez o seguinte comentário durante a transmissão do programa televisivo:

Todos os envolvidos de Acari hoje são inimigos da Polícia Civil do Rio de Janeiro. Nós vamos caçar vocês onde quer que estejam. Não adianta colocar no Facebook que criança foi baleada... Mentira. Não adianta, você não vão conseguir tirar a gente aí de dentro. Nós vamos a qualquer horário, não tem horário pra gente. Nada vai impedir o nosso encontro. E se vocês resistirem a nossa ação, nós vamos manchar o ambiente com o sangue sujo de vocês. Não ousem nos enfrentar, porque nós vamos as ultimas consequências.¹¹

A operação, então, resultou no assassinato de Marcos. Todos esses recortes acima descritos representam uma pequena parte dos discursos necrófilos acerca da vida desses jovens. Discursos que, como dito, estão a serviço de justificar as suas mortes, de anular toda a subjetividade inerente a eles. Discursos que mortificam, coisificando-os.

Dentre todos esses discursos necrófilos acerca da morte de Marcos Vinícius, a dimensão biófila ficou restrita à fala de uma professora e um professor de Marcos Vinícius da Silva. Em entrevista ao jornal El País,

Os professores Rafael Gurgel e Roberta Santos, que davam aula de Geografia e Matemática para Marcos Vinícius na escola municipal onde estudava, juntam relatos à imagem do garoto de bom humor que sentava sempre "no fundão" ao lado do amigo Luan. "Marquinho era um menino bem levado, ano passado repetiu o sétimo ano. Nesse ano ele voltou pra escola com outro ânimo. Estava fazendo tudo, todas as atividades", conta ele. "Foi a primeira coisa que falei para a mãe dele. Toda vez ele era o primeiro a entregar o caderno"¹²

¹¹ Ver em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/20/politica/1529519369_464493 [acessado em: 24/05/2019]

Em relação às falas e comentários sobre a morte de Eduardo de Jesus, a dimensão cultural biófila também ficou restrita a apenas um registro – pelo menos entre os que foram achados no momento de nossa pesquisa. Sua professora fez um post no Facebook. O texto que se segue acompanha uma foto da professora e de Eduardo, além de outras duas colegas de sala:

Quero deixar bem claro que o meu aluno Eduardo Ferreira não é bandido. Ele é uma criança muito carinhosa, participativo em minhas aulas e um aluno muito querido por mim, pelos professores e direção. Sua família é maravilhosa, pai e mãe trabalhadores e presentes na escola. É uma grande tristeza que todos os professores do Ciep Maestre Francisco Mignone estão passando neste momento. Um anjinho voltou para o céu. Que Deus conforte sua família.¹³

Interessante notar que a dimensão humanizada da vida desses dois jovens nos posts e comentários acerca de suas mortes aparecem sempre associado à dimensão do jovem-estudante. A partir do momento que a dimensão escolar entra em cena, é como se passasse, só então, a entender esses jovens como sujeitos de direito, sujeitos reconhecidos e que, por isso, podem ser mais.

Considerações finais

Como explicitado no decorrer deste trabalho, a maioria dos recortes de declarações feitas em relação à morte dos jovens Marcos e Eduardo possui falas de consciência cultural necrófila. Tais consciências necrófilas destacam o quanto é importante os estudos sobre os processos de desumanização que se fazem presentes na vida da juventude brasileira, pois, a partir delas toma-se o conhecimento de que a desumanização é um processo histórico da nossa humanidade, e que deve ser urgentemente enfrentado pela sociedade brasileira. Conhecer esses processos desumanizadores é uma forma de pensar campos de possibilidades mais biófilos para se proteger as vidas das diversas juventudes brasileiras, principalmente, no que diz respeito às políticas públicas para a juventude negra e periférica. Uma consideração precisa ser feita: por determinação judicial, o Facebook, além de outras redes sociais, foi intimada a excluir *posts* que

¹² Ver em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/22/politica/1529618951_552574 [acessado em: 24/05/2019]

¹³ Ver em: <https://blogdadidadania.com.br/2015/04/o-jesus-que-nao-vai-ressuscitar-hoje-nem-nunca/> [último acesso: 24/05/2019]

foram feitos com compartilhamento de *fake news*. Assim sendo, quando da pesquisa realizada, algumas dessas publicações já não mais estavam disponíveis para análise, configurando-se, em maior ou menor escala, uma limitação deste trabalho.

Referências bibliográficas

ANDRÉ, M. *Estudos de Caso em pesquisa e Avaliação educacional*. Brasília: Livre Livro Editora, 2006.

ARROYO, Miguel G. *Paulo Freire: um outro paradigma pedagógico?* In. Conferência de abertura do II Congresso Internacional Paulo Freire: o legado global, em 1º de maio de 2018, na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte-MG.

_____. *Outros Sujeitos, Outras Pedagogias*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 62ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 51ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FROMM, E. *O Coração do Homem: seu gênio para o bem e para o mal*. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981

GOMES, Lino Gomes. *Por uma Pedagogia da indignação e da resistência*. In. Conferência de abertura do II Congresso Internacional Paulo Freire: o legado global, em 1º de maio de 2018, na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte-MG.

GOYA, W. *O conceito de homem no pensamento ético de Erich Fromm*. In: Fragmentos de cultura, Goiânia, vol. 9, nº 3, p. 1-21, 1999.

LIRA, Alessandra Mendes. *Paulo Freire e Erich Fromm: convergências e divergências*. 2015. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP.

REGO, Patrique Lamounier. *Caminhos da Desumanização: Análises e Imbricamentos Conceituais na Tradição e na História Ocidental*. 2014. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade de Brasília, UnB.

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.



Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente | II Simpósio Educação, Formação e Trabalho